

## MACHADO E O PARAÍSO OU O PARAÍSO EM MACHADO?

Grazielle Rodrigues do Nascimento

### Resumo:

O presente texto propõe intercruciar o cotidiano da Ilha de Fernando de Noronha, com os narrados em contos machadianos, numa tentativa de fazer com que as pretas pedras fernandinas revelem parte de uma história insular quando nós nos permitimos o caminhar por entre o emaranhando de uma memória, regrada sob os pilares do esquecimento, do isolamento, da disciplina e da transgressão. Uma memória em que os sussurros narrativos nos possibilitam ao encontro de um no outro.

Palavras-chaves: Machado de Assis; Fernando de Noronha; cotidiano e sussurros narrativos.

### Posso situar você?

No segundo semestre de 2007, ao cursar uma disciplina do curso de mestrado em história (UFPE), com a prof<sup>a</sup>. D<sup>a</sup> Regina Beatriz Guimarães, *Caminhos da História: narrativas e imagens*, foi-nos pedido, como trabalho de conclusão, produzir algo costurado entre Machado de Assis e as pesquisas que cada aluno(a) desenvolvia naquele momento. Para mim, particularmente, a atividade se mostrava muito desafiadora, haja vista que esse autor, Machado de Assis, não tinha ligação alguma com o meu objeto de trabalho. Comecei a pensar na possibilidade de relacionar os cotidianos de Machado com o que a Ilha de Fernando de Noronha me revelada em tempos do século XIX. E para tanto, fui utilizando informações a respeito de uma época prisional, observadas em fontes documentais primárias, que existem no Arquivo Público do Estado – Apeje-PE.

Ir costurando a trama dessa narrativa, proporcionava *brincar* com as possibilidades documentais vividas por tantos seres que ocuparam a Ilha, como também encontra-los nas narrativas de Machado. Mesmo porque, tratar Noronha era mexer com um lugar que muitos vêem como paraíso. E esse lugar paradisíaco, despertava o desejo por possui-la. Quem não a conhece tem a percepção de que é um lugar de descanso. O

olhar que lhe é lançado é a do mistério: o que será que tem lá? O que vou descobrir lá? Bastando chegar nesse espaço insular, vê-se elementos turísticos por todos os lados. Quando se é convidado a mergulhar dentro do seu cotidiano e conhecer a sua teia social, dar-se conta que o paraíso<sup>1</sup> não é como se desenham por entre folhetos ou romances, em que a narrativa vislumbra-se com a beleza estonteante do lugar.

Campos do Aragão fragmenta um pouco essa idéia paradisíaca de Noronha, quando nos relata o seu olhar sobre os que lá viviam no século XVIII, em que a fome e a nudez eram o “apanágio” desse ‘paraíso’.

*Diante desses quadros escritos, não se pode deixar de compreender que, de fato, foi a finalidade dolorosa do estigma de 1739 que deu cunho misterioso de horror ao arquipélago, atando todos os seus passos na direção do progresso. Ocultou por muitos anos a beleza de natureza privilegiada a oferecer paisagens deslumbrantes. Esperdiçou os encantos de um clima ameno a inspirar estações de pouso para espíritos cansados do labor fatigante dos grandes centros urbanos”. (Aragão 1950: pg. 27).*

O olhar do Fernando nessas linhas que se seguem é um olhar em que quatro pilares se sustentam e dão movimento as histórias imbricadas com um tempo que se diverte deixando as memórias em aberto por lá. E esses pilares: esquecimento, isolamento, disciplina e transgressão, são construídos dentro de um paredão de águas salgadas em que poucos conseguem viver, causando a deserção e o abandono daquela ‘ilha da fantasia’.

---

<sup>1</sup> Paraíso numa ótica trabalhada por Jean Delemau, *O Que Sobrou do Paraíso*, que explica a idéia de paraíso que foi sendo construída pela humanidade ao longo de sua história. Ele toma Jerusalém como um exemplo para essa explicativa, despindo os lugares-comuns que torna essa idéia como uma das representações sobre o reino dos céus, e mostra que, com a laicização da sociedade, o céu se torna objeto de ciência e se separa da idéia de paraíso, permanecendo esse como algo preparado para nós, seres humanos, em planos para o além eterno.

Quando escrevi este texto pensei nas possibilidades de encontrar algum rastro de Machado desprendido em Noronha. Por se tratar de cotidianos, pensei intercruzar um no outro, numa tentativa de aproveitar as coisas do dia-a-dia insular com o do mundo continental, em que Machado descreve. Portanto, aviso a todos que aqui é uma mistura do que Machado vê com o que Fernando sente.

\* \* \*

Aula de literatura. A professora iniciava fazendo uma breve sistematização sobre o Realismo-Naturalismo da segunda metade do século XIX em que se encontravam inseridos Aluisio de Azevedo, Machado de Assis e Raul Pompéia. Dentre esses, nós leríamos Dom Casmurro e os 50 contos de Machado de Assis. Ou seja, esse era o eleito. Poderíamos ser “iniciados a um mundo com múltiplos cotidianos traçados por Assis”, e que era “uma excelente pedida de lazer nas férias”, dizia-nos a professora.

Folheando uma das obras pensei: que chatice! E a joguei na mala entre tantas outras coisas que levava. Afinal, eram férias e isso queria dizer ir à casa de meus avôs maternos em Fernando de Noronha. Os livros que se encontravam perdidos dentro da bagagem estavam em segundo plano, porque os principais eram a minha canga, o meu biquíni e a praia, é claro! Quem iria se lembrar de fazer o dever de casa estando no Paraíso?

Os dias foram se passando e aqueles dois livros das edições de 2006 e 2007 não se encontravam como uma das minhas prioridades. Até o dia em que chegou a ‘neuronha’<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Expressão criada pelos moradores insulares de Fernando de Noronha adjetivando a crise em que passam decorrente da abstinência das coisas do continente, ou pelo próprio continente. Quando desembarcam na Ilha de Fernando há, num primeiro momento, a “euforonha” que como o próprio nome deixa evidenciado, é a euforia por estar em

a me rodear. Precisava inventar algo ou alguma coisa para fazer urgentemente. Mas por que começar algo por uma obrigação de escola?! Não tardou e o peso da responsabilidade se apresentou. Comecei pelo Casmurro o martírio das férias.

A primeira vista, era-me apresentado em Dom Casmurro um cotidiano escravista de uma sociedade católica. E de catolicismo também estava impregnado as paredes dos fortes de São Pedro, São Joaquim, de Santo Antônio, de São João Batista, de São José e da Conceição que compunha o presídio do tempo de presença portuguesa; da igreja dedicada a Nossa Senhora dos Remédios e das ruínas que dão sentido a Vila dos Remédios, construção de 1737. Todos de construções portuguesas. E Portugal me lembrava açúcar, assim como os holandeses a rondar e vigiar os seus 251 negros de Angola<sup>3</sup> que existiram no cotidiano insular chamado Fernando de Noronha. Continuava a leitura sem me dar conta do que estava acontecendo. O ambiente construído nas narrativas de Machado me transportava ao ambiente fernandino que se encontrava nos restos da arquitetura lusa do lugar e nos ofícios trocados entre o continente e os tantos comandantes que passaram por lá.

Dois homens distintos em experiências, relações sociais e culturais e cotidianos. O que me levava a encontrar um no outro, era difícil de ser respondido. Mas sabia que necessitava definir e delimitar os personagens Machado de Assis e Fernando de Noronha para que a história que eu tentava traçar ou entender não se perdesse na medida que o tempo se passava com a leitura feita.

Noronha descendia de um Fernando, fidalgo da casa real portuguesa, convertido ao cristianismo por volta do século XVI<sup>4</sup>. O Assis descendia de um (M)achado forte

---

Noronha. Meses depois que varia de acordo com cada pessoa, chega-se a fase da “neuronha” provocando a sensação de evadir do lugar rapidamente.

<sup>3</sup> Em Ernest Van den Boogaart, 2005 p. 31-32 encontramos registros da presença holandesa pelas terras do Fernando. Traz esses escritos a trajetória de escravos africanos levados a Noronha para servirem de mão de obra a Cia. das Índias Orientais.

<sup>4</sup> No livro, *A ilha de Fernando de Noronha*, escrita em 1887, por Pereira da Costa, Fernão de Loronha era um fidalgo português, de descendência britânica, convertido ao cristianismo, possivelmente para escapar da inquisição e também garantir a sua presença

com as letras. As penas impostas a esses personagens não eram apenas a do esquecimento e das letras. Estava diluída no comércio e na prisão, na ficção e na erudição, respectivamente. Palavras percebidas no trato que cada um possuía dentro dos espaços culturais que lhes qualificavam enquanto comerciante e literato. Fizeram histórias? Quem sabe. Mas detinham de cotidianos marcados por personagens que contavam as suas histórias múltiplas vezes.

A tarefa de casa continuava.

Para o segundo livro, os 50 contos de Machado, ainda me faltava algumas páginas a terminar do primeiro. Mas já me rendia perceber o dia-a-dia insular diferente. Como tecê-lo nas linhas do caderno? Era o meu desafio incerto.

Passado as incertezas que Machado me provocava ao ler Dom Casmurro, não fora diferente ao pegar os 50 contos. A cabeça fervilhava de tanta informação. Cada linha seguida pelos meus olhos me levava ao Paraíso novecentos. E descrever Noronha com os olhos de Machado me fazia conhecer dois seres de almas distintas, é claro, mas que se encontravam imbricados numa cadeia de vozes e movimentos: uma Noronha possuidora de uma beleza que embriaga os olhos, e outra Noronha constituída de uma gama antropológica pouco retratada. Essas duas ‘Noronhas’ trazem também mundos indefinidos e ilimitados por tantos outros seres que a formam. São multifacetados cotidianos que as cercam com a mesma intensidade dos narrados por Machado.

---

no comércio desenvolvido pelo período das grandes navegações. Um dos financiadores da Expedição de 1503, comandada por Gonçalo Coelho, liderou o consórcio de exploração do pau Brasil nas novas terras portuguesas, mediante tributos à coroa, enviando seis navios por ano para tal fim. Em 1504, recebeu em forma de doação, o arquipélago que por volta do ano de 1737 já era batizada com o nome do seu 1º proprietário.

A senhora que a configura é uma espécie de D. Camila com Genoveva de Machado, que para percebê-la é preciso descortinar os detalhes encontrados nesses múltiplos cotidianos. D. Camila comparo a Alamoia do Fernando, história contada por pescadores insulares descrita no imaginário noronhense e que tal qual a primeira, é detentora de uma pele de “cor de leite, fresca, inalterável, deixava às outras o trabalho de envelhecer”. Essa idéia da lenda, ronda o imaginário noronhense fazendo-nos tecer analogias a uma sociedade que se constituía em grupos e relações sociais insularizadas e distinta do “mundo lá fora”. A Alamoia, “galega vestida de branco que ronda a ilha nas noites cheias” é uma mulher majestosa, possuidora de uma beleza que a difere e a distingue da encontrada entre as mulheres do lugar, assim como D. Camila. No entanto, a Alamoia vai sendo construída ao bel prazer de quem a descreve e a imagina. Já com a Genoveva, os olhos de Fernando puderam toma-la como a representação da disciplina transgredida, retratado na quebra do juramento de fidelidade estabelecido entre ela e o Deolindo.

Continuar a ler Machado me fazia desvendar a minha Noronha: como ela estava sendo construída entre os mundos do Assis e do Fernando. Descobria que diferente dos personagens narrados nos ditos e escritos do primeiro, em Fernando eram narrados prisioneiros. Alguns por ordem da lei dos homens, outros por ordens de não sei quem. E esse ‘não sei quem’ incerto e indecifrável atormentava a minha relação com a Ilha, que a todo instante fazia presente o desejo de evadir e a tudo me prendia.

Na escola Arquipélago se contava o conto dos degredados, criado por data incerta, mas que fazia parte do cotidiano da Ilha - Prisão<sup>5</sup>, marcado por muitas idas e poucas

---

<sup>5</sup> A história da ilha de Fernando de Noronha é permeada por um ambiente do carceramento. Sua sentença era o servir enquanto filtro social ao império. Para lá foram

saídas de degredados. Sentenças para toda espécie: falsários; subversivos da ordem Imperial; mulheres malditas aos olhos dos bons costumes e condutas morais; prevaricadores... pessoas “aldeadas”<sup>6</sup> num recipiente de águas salgadas.

Bom! o conto que se contava na escola, já ia me esquecendo. É a história de dois gigantes punidos por transgredirem as leis estabelecidas pela sociedade em que viviam. Traz a história o seguinte: havia uma sociedade de gigantes que habitavam a ilha. Nessa, as normas de condutas eram gerenciadas por um conselho de anciãos que a regia conforme necessário fosse. Desconhecia-se a traição e a infidelidade. Reinava a paz entre todos. Tudo era tranqüilo, até que dois seres dessa sociedade perfeita se apaixonaram. Era porém um amor proibido, pois ela já era companheira de outro. Descoberto a tamanha ‘infração’, os dois gigantes foram penalizados com a morte e partes de seus corpos foram mutilados e jogados nas praias do mar de dentro<sup>7</sup> para que servisse de exemplo a quem se atrevesse novamente a cair em tal pecado. Dela os seios foram extraídos, retirados um dos símbolos de feminilidade. E dele o que pudesse representar o ser viril, a força genitora masculina: o falo. O tempo se passou desde esse episódio trágico e encarregou de transformar os dois elementos em estátuas petrificadas,

---

enviados seres de toda ordem e grupos sociais: ciganos, capoeiristas, cabanos, praieiros, farroupilhas, mulheres e homens que cumpriam sentença da justiça. A denomino Ilha-Prisão porque prisioneiros estavam todos os habitantes dessa: militares, vivandeiros, caixeiros, pescadores, capelães, degredados e sentenciados, negros e negras sendo escravos e libertos. Um cotidiano ‘mix’, em que a idéia de ser livre encontrava-se ressignificada dentro das paredes de azul-esmeralda.

<sup>6</sup> Aldeadas eram os sentenciados e as sentenciadas considerados(as) de alta periculosidade. A esses o convívio entre os demais era restrito. A aldeia foi construída por volta do ano de 1849, nas proximidades da diretoria do presídio. Prédios esses que formam a Vila dos Remédios. Na atualidade ainda se encontra a ruína dessa construção.

<sup>7</sup> É a parte da Ilha que se encontra voltada para o Brasil. Já a parte voltada à África é denominada Mar de Fora. O mar de dentro é de águas mais tranqüilas e de praias mais vulneráveis a investidas de nações estrangeiras que tinham o intuito de possui-la. Por isso, o sistema defensivo de construção do século XVIII foi mais acentuado nessa porção da ilha. Entre as praias da Conceição e do Sancho é que se encontram petrificados as partes dos dois apaixonados: o morro do Pico e o morro dos Dois irmãos.

reconhecíveis e identificáveis. No entanto, não os separaram, nem os uniu. Apenas os aproximou um a frente do outro, numa tentativa de contemplação recíproca, como quem estivesse a espera do reencontro.

O que podia extrair da triste história dos gigantes com as narradas por Assis? Não me fazia sentido. Minutos depois percebia que era essa a intenção: provar que nada ao meu redor era seguro. Que a todo instante podemos perceber as relações com as sociedades por diferentes e ilimitados vieses. Definir o que se caracteriza enquanto indisciplina; convenção social; proibido; quebrar pactos de fidelidade e violência, era visto como elementos de transgressão dependendo do lugar social que cada indivíduo ocupasse.

O pecado dos gigantes foi a paixão de intensidade machadiana. Trazer esse exemplo ao cotidiano do Fernando era uma estratégia disciplinadora. Mas não a contento, era também necessário desqualificar quem ousasse transgredir uma ordem criada nesse espaço insularizado. Em Machado, o caso que se passou com os garotos Curvelo e Raimundo, que mesmo sendo punido com os ‘12 bolos’ tomados de sova pelo mestre Policarpo, foram necessários adjetivações: “porcalhões, tratantes, faltos de brios”, ditos e tidos com efeito semelhante aos que os seres, postos em sentença no cotidiano da Ilha-Prisão, sentiam: “desvairados, degenerados, farsantes”. O sentido da ação era a de desqualificar o outro de tal forma que o lugar social que esse ocupava o poria numa ordem “inferior”. Relações de poder que fazia com que um se sobrepusesse ao outro na hierarquia do lugar.

Perguntava-me quais os nomes desses personagens tidos como transgressores e indisciplinados? Os do Machado possuíam rostos. E os de Noronha? Quem eram? Atrevi-me a busca-los. Martins, Lucena, Alves, Campelo, Barbosa, Cândido, Rodrigues, Oliveira, Luna, Ulisses, Costa, Amorim, Branco de Moraes, Gomes,



Souza, Flor... se nos fosse concedido um plebiscito à escolha de uma nova nomenclatura para Fernando de Noronha seria adicionado os tantos sobrenomes que compunham essa ilha.

Machado alimentava a minha narrativa. Andar pelas *estradinhas* de pedra era relembrar histórias contadas pelos antigos de quando a ilha servira para o cárcere. Histórias que se confundiam entre um tempo passado e um tempo presente imbricados num espaço temporal pertencente as falas que me eram ditas. Essas definiam pessoas e natureza. Maravilhava-me com a forma que Machado tecia a trama entre os personagens e o ambiente por ele trabalhado. Seria possível criar um personagem a minha história?

Resolvi entrar numa ruína que já tinha servido como alojamento de presos. Vozes. Muitas vozes sussurradas de forma desordenada. Lembrei-me do Pestana preso a inspiração de escrever, inventar sempre uma polca inédita. O desespero se apresentou na mesma intensidade do sofrido por Venacinha, com o medo de perder o amado. Pois bem! O medo e o desespero me atingiram como quem estivesse a conduzir o enredo imposto pela vontade de um Fernando insularizado. E esse enredo me era apresentado cheio de: transgressões, deserções, condutas militares morais e amorais, natureza e refúgio, esquecimentos<sup>8</sup> e identidades. Sentença protegida por um paredão transparente, vigiado por olhos que não chegam perto dos de ressaca de Capitu.

No enredo prisional fernandino havia também Borges, Francisco e Rodrigues personagens responsáveis pela historia do cárcere em Noronha. E esses também são encontrados nas narrativas de Machado não apenas nos nomes e sobrenomes fictícios, mas nas relações e movimentos costurados em sua obra. O Borges desse, diferentemente do Antônio Borges da Fonseca, não cumpria degredo. O Borges do Assis tinha o privilégio da liberdade, de compor os seus costumes num toque diário de

---

<sup>8</sup> Nas estradas de pretas pedras ainda têm muitos sussurros a serem revelados. Mas para (re)elaborar o passado, se faz necessário o exercício de esquecer, percebendo os rastros deixados por este exercício (Gagnebin 2006: pg.105), numa busca pelo "tempo perdido" que talvez possa ser entendido não como um tempo que se perde sem fundamento, mas como ele é utilizado na construção desse *tempo de Noronha* e que traz uma memória repleta de significados. (Deleuze 2006: pg.16 ).

manias e delícias do bem viver. O Borges do Noronha era recluso a Ilha Rata, lugar que considero o cárcere no cárcere. Para lá estavam os considerados perigosos ao convívio dos demais sentenciados: “os que subvertiam a ordem da ilha principal”, no dizer do comandante tenente coronel José Maria Pessoa. E como Antonio Borges não era um praieiro qualquer, as suas idéias maldiziam os discursos de quem ordenava a ilha<sup>9</sup>. Mais uma vez o cotidiano se apresentava transgressor. Era um Borges machadiano que me conectava com o Fonseca degredado na Ilha Rata.

Descobri também que ler Machado de Assis me levava a encontrar o meu lugar social. Algo que trazia consigo a referência de pertencimento<sup>10</sup>. Era o ‘dia da lagartixa’ que me fazia entender como uma mabuia<sup>11</sup> em busca por algo que a identifique enquanto tal. Que chega a desenvolver ou produzir um sentimento de pertencer ao Fernando que a cria e recria por entre as pretas pedras protetoras do ambiente insular. Essa idéia de identidade como uma construção simbólica e que vai dar uma sensação de pertencer a um grupo que se reconhece e se classifica como iguais faz com que mabuias e noronhenses se reconheçam em espaços ecológicos e antropológicos não percebidos aos olhos desatentos.

A tarefa já apresentava o seu final. Pensava eu que iria me livrar do que Machado me retratava nos seus escritos. Pensava que não mais o veria. Dizia cá comigo: ufa!

Graças a Deus que não vou precisar mais disto. Quanta pretensão. Terminada a

---

<sup>9</sup> Existem dois Borges aqui retratados: o Borges do conto *Uns Braços* de Machado e o Antônio Borges da Fonseca desterrado a Fernando de Noronha por conta de sua ativa participação na Revolta da Praieira.

<sup>10</sup> Tomando a idéia de identidade como uma construção simbólica e que vai dar uma sensação de pertencer a um grupo que se reconhece e se classifica como iguais. Idéia encontrada nas obras de Sandra J. Pesavento e Janirsa Cavalcanti quando essas trabalham o sentimento de pertencimento social e identitário

<sup>11</sup> A Mabuia é uma lagartixa que habita Fernando de Noronha. É considerada uma espécie endêmica, portanto a *Mabuya maculata* como é chamada, só existente no dito lugar, assim como os que nasceram na Ilha. Qual a relação desses com as mabuias nascidas nas terras do Fernando? Uma simbologia utilizada para representar socialmente a identidade dos ditos noronhenses.

leitura, voltava a me dedicar as praias que o Fernando me proporcionava. Queria apenas mergulhar no verde-azul de água salgada que encantava a todos os que chegavam pela primeira vez a Ilha. Ao lançar-me nesse ‘líquido encantado’ não mais voltaria a ver Noronha da mesma forma que antes, mesmo porque Machado continuava a me inquietar. Era uma estrada sinuosa que levava o meu imaginário a construir cotidianos incertos de terem acontecido. Será que estou no paraíso construído por Machado?

Caminhar pela vila dos Remédios desencadeava a sensação de perceber algum rastro que foi deixado pelos encarcerados na ilha. Quantas vezes ecoavam por lá? Quantos personagens, como Camilo, Pestana, Damião, Cândido de Neves narrados no que havia de mais particular do dia-a-dia machadiano podiam ser encontrados em outros personagens de Noronha, e que tomados as relações estabelecidas entre eles e o cotidiano noronhense, poderiam nos render partes da história prisional fernandina. Quantas pessoas chegadas ali, distintas entre tantas categorias sociais<sup>12</sup>, correram o risco de serem esquecidas aos olhos do continente? Como entender o paraíso nesse momento? Ainda me é difícil de ser respondido, mas podemos ter a certeza que esses atores sociais nos direciona a perceber que tipo/tipos de referência cultural e identitária queremos ver em Noronha.

Os rastros machadianos se encontram ainda pela ilha e em tantas outras ilhas circunscritas pela imaginação humana e escritas nas relações que estabelecemos com o outro e as ordens das coisas que nos cercam, sejam elas leis, determinações e convenções sociais, sejam objetos simples como uma cadeira, um espelho. As

---

<sup>12</sup> Presos comuns, políticos e militares; um corpo militar a serviço do Império; uma população residente, considerada livre; e os acompanhantes dos sentenciados e dos militares funcionários do presídio. A idéia de prisão em Noronha era a do esquecimento, transferindo a essa a função de ser depositária de tudo o que lembrasse transgressão, desordem, imoralidade, distúrbios, ou como o comandante Francisco José Martins em 1838 se referia a ilha, “um seguro depósito para os desvairados” (Apeje-PE; FN 02).

relações estabelecidas entre o trato nosso com o meio ambiente, ainda me conduz as histórias narradas por um Assis de Machado-pena nas mãos.

### **Referências Bibliográficas:**

ARAGÃO, Campos de. *Guardando céu nos trópicos: ilha de Fernando de Noronha*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1950.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

BOOGAART, Ernest Van Den et al. *Viver e morrer no Brasil Holandês*. Organizado por Marcos Galindo. Recife: Massangana, 2005.

COSTA, Pereira da. *A ilha de Fernando de Noronha: notícia histórica, geográfica e econômica*. Pernambuco, 1887.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELUMEAU, Jean. *O Que Sobrou do Paraíso*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

Fundo: APEJE-PE; Setor dos Manuscritos; Série: Fernando de Noronha; 1817 - 1870.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Esquecer, Escrever*. 1<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Editora 34, 2006

GLADSON, John. *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. (Brasiliiana Novos Estudos; 5). São Paulo: Cia editora nacional, 2001.

ROCHA LIMA, Janirza Cavalcante da. *Nas águas do arquipélago de Fernando de Noronha*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC, São Paulo, 2000.